

A MEMÓRIA DO CORPO REIVENTADO NA POESIA DE BRUNA BEBER

Eixo Temático 06 - Corpo e Gênero na Arte como Potência e Vida em Memórias e Ressignificações da Existência.

Maria Eduarda Nascimento Ribeiro ¹

RESUMO

A partir da análise de um dos poemas de Bruna Beber, voz inventiva da poesia brasileira contemporânea, este artigo aborda questões relativas à complexa relação existente entre corpo e memória. Nas malhas do poema “casarões”, a tradutora, poeta e pesquisadora Bruna Beber (des)faz as relações entre corpo, memória e emoção, desviando-nos de modos convencionais de elaborar poemas e compondo possibilidades desconcertantes de reinventar a memória do corpo. As análises serão tecidas em diálogo com textos teóricos de Michelle Perrot (2007), Jacques Le Goff (2003), Paul Zumthor (2002), e Paul Ricoeur (2007).

Palavras-chave: Corpo; Memória; Bruna Beber.

INTRODUÇÃO

Poesia e memória se imbricam desde os primeiros textos poéticos produzidos no Ocidente. Essas relações, *mutatis mutandis*, atravessam o percurso diacrônico da poesia ocidental, e permanecem vivas de modos outros na contemporaneidade, uma vez que ainda nos constituímos, entre outras coisas, como seres de memória, o que é correlato ao fato de sermos seres de linguagem. Em grande parte da produção literária brasileira, o tema da memória é, muitas vezes, central, o que pode ser atestado pela recorrência do vocábulo em títulos de obras e pela significativa produção de livros memorialísticos assinados por poetas e romancistas, em que essa relação é mais explícita.

A relação entre memória e poesia se estabelece como axial, conferindo valor e significado ao labor do poeta. Para os gregos da Antiguidade, Minemosyne, a deusa da reminiscência, era também a musa da epopéia, já que a função primeira da narrativa épica era a preservação da memória dos feitos heróicos. Segundo Le Goff, “A poesia, identificada com a

¹ Graduada no curso de Letras (Português) e mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Alagoas – UFAL. madurib@outlook.com

memória, faz desta um saber e mesmo uma sagesa, uma *sophia*. O poeta tem o seu lugar entre os ‘mestres da verdade (cf. Detienne, 1967) e, nas origens da poética grega, a palavra poética é uma inscrição viva que se inscreve na memória como no mármore (cf. Svenbro 1976).” (2003, p. 369). Por isso, neste breve artigo não iremos examinar as vastas e complexas definições e funções da memória. A análise proposta se limita ao âmbito da crítica literária e de suas observações acerca da produção da poesia contemporânea escrita por mulheres, especificamente por Bruna Beber.

Esta pesquisa foi e é orientada por Susana Souto Silva² desde 2018. A poesia escrita por Bruna Beber tem sido o meu objeto de pesquisa desde a minha participação no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Após essa etapa, o meu trabalho de conclusão de curso (TCC) também abarcou os poemas dela e os relacionou com o recurso crítico da língua portuguesa: humor. Hoje, no Mestrado, continuo pesquisando a obra da escritora, mas, em um véis que fita mapear os desdobramentos da memória presentes em sua escrita.

As estrofes contidas na poesia de Bruna Beber cruzam vivências e leituras de maneira inventiva, por meio de metáforas, imagens cotidianas e memórias mínimas. O corpo é citado e utilizado o tempo inteiro. Em seus poemas, a voz lírica cita os cinco sentidos que muitas vezes aguçam as lembranças, são capazes de transformar passado em presente, ausência em presença. Desse modo, por meio dos versos, Bruna Beber é capaz de questionar a medicina e dessacralizar alguns nomes que foram dados aos ossos humanos.

No poema “seu paquera”, presente em seu livro *Rua da Padaria* (2013), o sujeito poético narra: “os omoplatas / são os seios / das costas // quando belas / que vontade/de tocar // falo isso /para registrar as suas // que peitos / e a vontade / de tocá-los” (p.57). Em uma breve análise, é possível perceber que há uma discordância acerca das normas exigidas pela Língua Portuguesa. Omoplata é um substantivo feminino que faz parte da Anatomia humana. Segundo o *Dicionário Online de Português*³, é um osso de formato triangular que, localizado na face posterolateral com o úmero e a clavícula. Portanto, o artigo masculino “os” concorda com “omoplatas” e discorda das regras da Língua Portuguesa. Assim, ao utilizar a figura de linguagem eufemismo, responsável por suavizar ou minimizar o peso conotador de uma palavra, a voz poética escolheu citar o osso das costas quando, provavelmente, desejou os seios de alguém. O fio condutor do poema é o inesperado. Em questão de segundos, após uma bela definição do que são as (os) omoplatas, a voz lírica é capaz de tirar o tom da cordialidade nos versos e expressar seu desejo

² Professora Doutora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e-mail: ssoutos@gmail.com

³ <https://www.dicio.com.br/omoplata/>



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

“(…) falo isso/ para registrar as suas// que peitos / e a vontade/ de tocá-los” (BEBER, 2013, p.57). De forma crua, o sujeito poético expressa o seu desejo. É válido perceber também que houve uma escolha do nome que dá o título do poema, “seu paquera”, o que demonstra uma relação de interesse que pode ser relacionada à afetividade.

A imagem do corpo é inusitada, desconcertante, desviante. Essa mesma figura descrita enquanto corpo é, provavelmente, relacionada a um corpo feminino devido a presença da palavra “seios” e “peitos” no poema, como se pudessem ser sinônimos de “omoplatas”. Há um corpo que está sendo cortejado, desejado, principalmente pela exclamação “que peitos”. Além dessa potência, existe também uma espécie de velocidade no texto, como se os argumentos fossem se desdobrando e esse corpo, que é também memória, fosse reinventado. Ora nomeado como “omoplatas”, ora nomeado como “seios”, ora nomeado como “peitos”, tudo para que houvesse o descortinamento do desejo.

METODOLOGIA

Este artigo busca confrontar-se com algumas questões: De qual forma o corpo é configurado na escrita de poesia contemporânea de autoria feminina? Como o corpo é relembrado/reelaborado em imagens no poema? A partir da análise de poemas de Bruna Beber, as questões serão parcialmente respondidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A dinâmica da corporeidade e da memória são essenciais à existência de qualquer ser humano, em distintas épocas, de diferentes gêneros ou culturas. Desde a Grécia antiga, como dito anteriormente, essa relação se encontra posta na perspectiva da elaboração épica, em que a narrativa grandiosa visava resgatar os feitos gloriosos dos heróis masculinos que arriscavam seus corpos em batalhas. Coragem, corpo e memória formavam uma tríade que era cantada, para ser preservada como modelo, como exemplo a ser seguido pelos receptores, principalmente os homens livres, que deveriam também arriscar-se nas guerras a fim de preservar ou ampliar o poder da pólis.

Desde a Idade Média, a taxa de mortalidade das mulheres era superior a dos homens. A maternidade era devastadora e muitas delas morriam durante os partos. Um estudo construído por Michelle Perrot (2007) atesta esses fatores, ela aborda a questão do corpo da mulher e o lugar que esses corpos ocupam. “O corpo das mulheres está em perigo” (PERROT, 2007, p.65), alerta a autora.

Bruna Franco Alexandrino Beber, que, além de poeta é também tradutora e pesquisadora. Nascida em Duque de Caxias (RJ), publicou cinco obras: *A fila sem fim dos demônios descontentes* (2006), *balés* (2009), *rapapés e apupos* (2012), *Rua da Padaria* (2013),

Zebrosinha (2013), livro infantil. Além disso, *Ladainha* (2017), livro de poesia e *Uma encarnação encarnada em mim – cosmogonias encruzilhadas em Stella do Patrocínio* (2022), um estudo inédito sobre a voz de Stella do Patrocínio.

Bruna Beber escreve sobre o corpo utilizando o seu. Em seu poema “casarões”, publicado na *Revista Ruído Manifesto*⁴, lê-se:

o coração é o povoado da memória;
aparentado com o fígado é o sentimento:
a indignação ocupa o estômago
mas o desejo faz do pulmão um pomar.

a cabeça é inquilina
ou proprietária do corpo,
e quem morre primeiro?
(BRUNA BEBER, 2021, p.1)

Nesse poema, a noção de corporeidade está intimamente associada com os sentidos humanos. O primeiro verso “o coração é o povoado da memória” deixa claro que, para o sujeito poético, há uma estreita relação entre o coração e a memória. Tanto no sentido de que o coração é preenchido pela memória, quanto sob a ótica de que o coração é parte da memória ou vice-versa. O que pode fazer referência a uma das máximas que circulam dentro do imaginário comum que indica que o coração e memória ocupam o mesmo lugar, quiçá são a mesma coisa.

Metaforicamente, há uma relação existente entre aquilo que aconteceu (memória) e aquilo que permaneceu (coração). Para Paul Ricoeur, em *A história, a memória e o esquecimento* (2007): “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos uma lembrança” (RICOEUR, 2007, p.26). Então, para os estudiosos da memória, ela mesma é a garantia dos acontecimentos relevantes. Já sob a perspectiva do sujeito poético, o coração pode ser visto como um acervo que retém aquilo que foi visto e permaneceu em um lugar sagrado, inesquecível.

O segundo verso, “aparentado com o fígado é o sentimento”, faz menção a tudo o que é sentido, e, porque há sentimento, tantas vezes desemboca em outro órgão. O fígado, responsável anatomicamente por metabolizar e armazenar os nutrientes no organismo. Metaforicamente, pode funcionar, dentro das linhas do poema, como uma espécie de memória que está dentro do corpo humano, uma vez que ela tem o dever de metabolizar e armazenar informações e dados. O fígado também é bastante utilizado, sob a perspectiva do senso comum, como o responsável por definir a quantidade álcool que será ingerida ou não, por exemplo. Por isso que há uma íntima associação entre o sofrimento e o alcoolismo, entre o alcoolismo e a cirrose.

⁴BEBER, Bruna. Disponível em: <http://ruidomanifesto.org/tres-poemas-ineditos-de-bruna-beber/>. Acesso em maio de 2022.

Para a poeta fluminense, o corpo sente, responde. Engloba apetite (ou a falta dele), movimento, percepções e sensações. Para Paul Zumthor (2002), o corpo pode ser compreendido enquanto um “conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro” (ZUMTHOR, 2002, p.24). O autor ainda acrescenta: “Eu me esforço (...) para escutá-lo, (...) som de seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos” (p.25). Assim, tanto para Zumthor (2002) quanto para Beber (2021), o corpo, tantas vezes silenciado, fala.

“Mas o desejo faz do pulmão um pomar”, verso iniciado com um conectivo adversativo, “mas” é responsável por contrapor as sensações. É como se hierarquicamente o pulmão fosse o maior dos órgãos dentre esses outros citados nos outros versos. O pulmão, anatomicamente responsável pela respiração, tem sua função potencializada ou impedida pelo desejo. O lugar em que a respiração acontece é transfigurado em uma grande área verde, onde, teoricamente, respira-se com qualidade. O sentimento, sob a perspectiva da voz poética está, mais uma vez, intimamente relacionado ao funcionamento dos órgãos do corpo.

Após tecer uma espécie de autópsia do corpo humano: cérebro (memória), coração, fígado, estômago, pulmão, a segunda e última estrofe do poema levanta um questionamento: “a cabeça é inquilina/ou proprietária do corpo,/e quem morre primeiro?” Dicotomia metafórica que também pode ser associada à máxima: coração ou razão?

Quanto à forma, o poema é finalizado com uma interrogação. Há uma repetição da letra “p” em todos os versos da primeira estrofe, demonstrando que a autora provavelmente se preocupou com o estabelecimento de um ritmo. Há de se perceber ainda que o título do poema “casarões”, grau aumentativo da palavra “casa”, aciona a perspectiva de que o corpo pode ser visto como o lugar em que residimos, o nosso lar. Os órgãos, sob a perspectiva do sujeito poético, provavelmente são cômodos que habitam essa residência que é o corpo. A memória, portanto, palavra presente no verso inicial do poema, funciona como uma espécie de alicerce que sustenta todo o resto da estrutura corporal. Mesmo quando existem os traumas e os sentidos ou os órgãos são afetados, sintetizados na palavra “cabeça” presente no poema, só há a morte, de fato, quando o coração pára de funcionar, bater.

Desse modo, o corpo é matéria e memória. O corpo, na obra de Bruna Beber, é relembado com relevância, desejo e poder. Para Ricoeur (2007), “(...) a memória corporal é povoada de lembranças” (RICOEUR, 2007, p.57). Desse modo, na poesia, imbricam-se o corpo e as recordações reais ou imaginária, mas, possíveis dentro dos poemas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória é (re)criada no texto literário, espaço de invenção, por excelência, não de espalhamento fiel de um real que está fora dele. Dessa forma, nos escritos de Bruna Beber, é possível perceber essa recriação, por meio de seu lembrar, ato que antecipa a escrita. Nesse movimento, ocorre o que postula Marilena Chauí (1979) acerca da recordação, o ato de: “lembrar não é reviver, mas re-fazer” (MARILENA CHAUI, 1979, p.20). A escrita de poemas, então, funciona como uma (re)construção. Ou seja, a medida em que as novas memórias são costuradas, há, também, uma reparação em cada campo de nosso córtex mental. O que atesta que um desejo pode ser incitado por uma imagem, bem como um sentido que pode ser aguçado por uma fotografia ou um odor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bruna Beber, retomando a memória dos sentidos, dos órgãos, dos sentimentos, do desejo, projeta um corpo que se (des)faz nas malhas da memória de modo, quase sempre, irônico, capaz também de despertar em nossa memória, por meio de versos inventivos, novas cenas, inusitadas. Ela desafia a nossa leitura, a nossa memória, os conceitos já construídos e afeta as percepções que temos de poesia, corpo e memória.

Bruna Beber é uma mulher que aciona seu corpo e suas memórias para inscrever-se em nosso corpo no corpo da poesia brasileira, na memória das pessoas que as leem e pesquisam como possibilidades de redesenhar essa história, de reinventar modos de ser e de ver e pensar a poesia, a memória e o corpo feminino na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEBER, Bruna. **Rua da padaria**. Editora Record, 2013.

BEBER, Bruna. casarões. Disponível em: <http://ruidomanifesto.org/tres-poemas-ineditos-de-bruna-beber/>. Acesso em maio de 2022.

CHAUI, Marilena de Souza. Os trabalhos da sociedade (apresentação). p. XVIII. **BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Quero, 1979.**

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Cosac Naify, 2002.